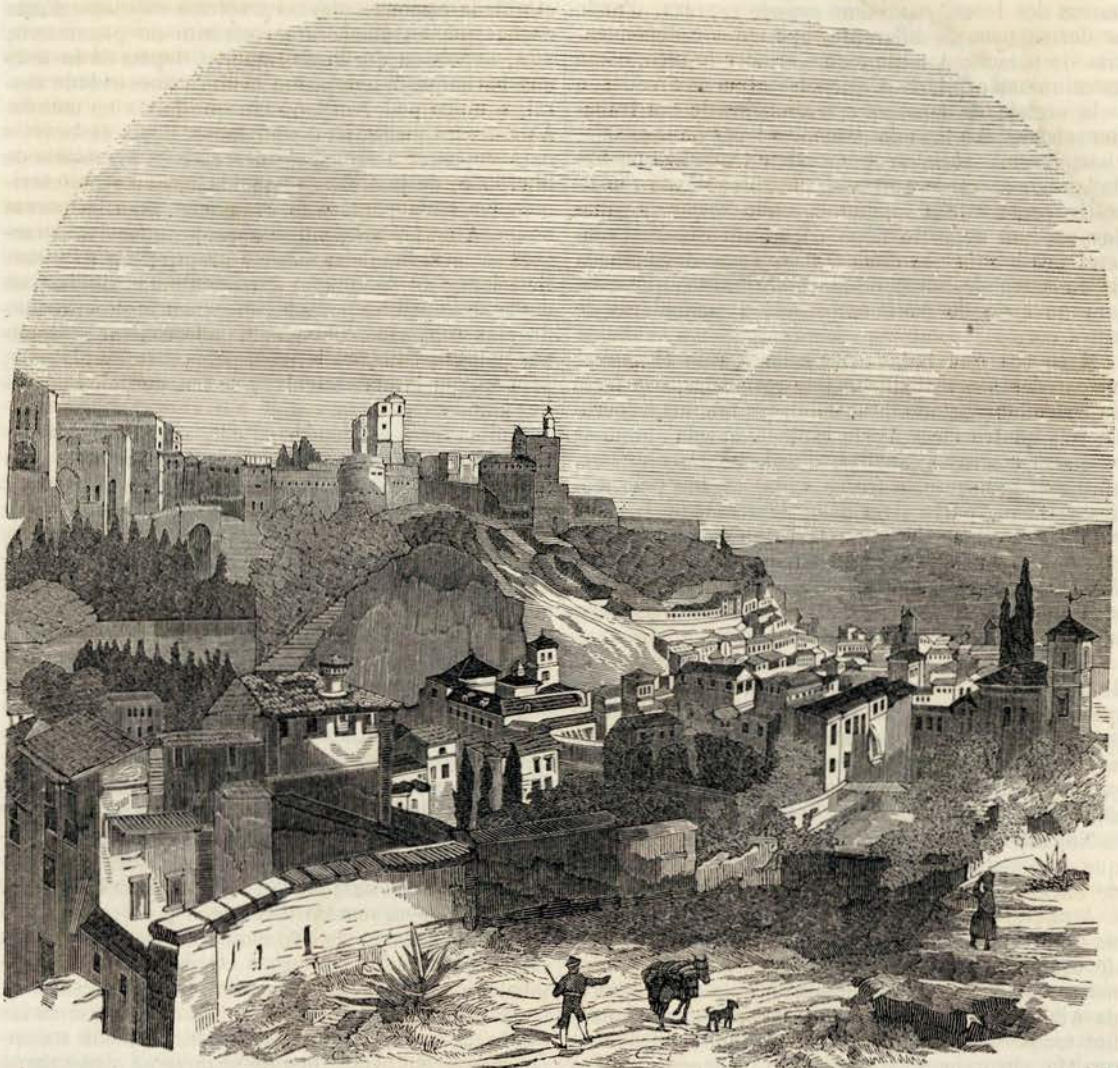


Alhambra — Gravura de Flora.

A Alhambra, antiga fortaleza e palacio dos reis de Granada, é porventura o mais completo e formoso monumento da arte mourisca que existe em toda a peninsula.

Estão cheios os livros dos viajantes com a narração das maravilhas do bello alcaçar da Alhambra, e um dos maiores escriptores d'este seculo, o famoso mr. de Chateaubriand, o tornou popular no seu mimoso romance as *Aventuras do ultimo Abencerrage;* por muito, porém, que digam todos, sempre se fica abaixo do que realmente é; e o animo do forasteiro, ainda o mais prevenido e menos amante dos phantasiosos caprichos da arte arabico-hespana, succumbe perante tanta magnificencia e delicado gosto, e não póde deixar de ficar maravilhado e surpreso. É que a Alhambra, apesar do espantoso progresso das artes, é e será talvez sempre o desespêro dos architectos, e um modelo que nunca será egualado, quanto mais excedido.

Dissemos que a Alhambra era tambem fortaleza; e na verdade o que é propriamente palacio de regalo occupa apenas uma parte do vasto recinto, no qual poderiam accommodar-se 40:000 soldados, e em que muitas vezes os proprios soberanos buscaram um refugio ás tentativas rebeldes dos turbulentos subditos.

Todo o monumento occupa a cumiada de um monte que, dominando a cidade e os feracissimos campos adjacentes, fórma um ramo da Serra Nevada.

O pateo, por onde se entra n'esse delicioso alcaçar, chama-se dos banhos publicos; é uma vasta quadra oblonga, com um tanque profundo no meio, ao qual se desce por escadas de marmore. O pateo é lageado de excellente marmore, e guarnecido em torno de arcarias sustidas por elegantes e ligeirissimos pilares. Em os apainelados das abobadas e paredes, lavradas primorosamente em relevo, estão escriptas sentenças arabes, não só religiosas, como alguem tem supposto, senão tambem allusivas ao proprio edificio, ou sua historia e tradições.

Em frente da porta por onde se entra ha outra de gracioso estilo que dá sobre o pateo dos leões, que é tambem oblongo e tem cem pés de comprido e cincoenta de largo. As paredes são, até á altura de cinco pés, pouco mais ou menos, forradas de azulejos azues e amarellos, os quaes cinge por baixo e por cima uma tarja esmaldada de oiro e azul, com motos ara-

bes, que dizem: *Só Deus é conquistador*. No centro do pateo ha doze leões, sustendo um grande tanque, do centro do qual se levanta outro mais pequeno; d'este corre a agua para o inferior, e d'aqui, pelas boccas dos leões, para uma grande repreza, d'onde se deriva para os differentes aposentos e dependencias do palacio. A fonte é de marmore branco, como as columnas e pilastras que sustentam as arcadas, e toda ornada de laçarias e arrendados de um trabalho soberbo. Ao lado do pateo dos leões ha uma sala, chamada dos *Abencerrages*, onde é tradição que Abdallah mandára decapitar os membros d'esta tão illustre como infeliz familia, fazendo lançar as cabeças em um deposito d'agua que alli existe. Fronteira fica a *sala das duas irmãs*, assim denominada de duas grandes lages de marmore branco que existem no meio do pavimento, sem a menor veia de outra côr.

Mais rica que todas estas salas é a de *Comares*; as paredes são magnificamente estucadas, e o tecto de cedro marchetado de marfim, prata e madreperola. Nas quatro faces d'esta esplendida sala abrem-se rasgadas e airosas janellas, d'onde se descobre, em aprazivel horisonte, o fresco valle, regado pelo modesto Darro, parte da cidade de Granada, e a sua riquissima veiga. Cêrca da sala de *Comares* fica outra, muito mais pequena, chamada o *Toucador da Rainha*, e logo ao pé o jardimsinho da *Lindaraja*, com uma fonte de alvissimo alabastro, e bosquesinhos de roseiras, murtas e larangeiras.

Não devemos esquecer a afamada *porta da justiça*. Esta porta, que dá entrada para uma grande torre quadrada, é com effeito o mais perfeito typo d'este genero. Segundo a inscripção que se vê, gravada em uma pedra da torre, foi construida a porta da justiça por Abul-Hajah, no anno 743 da hegira, ou 1348 de Jesus Christo.

No lado oriental da praça dos *algibes* ou cisternas, que é immediata á torre judiciaria, existem os paços de Carlos V, obra do architecto Berreguete.

A pouca distancia d'esta se ergue o *Cerro del Sol*, no qual está edificada a *Generalifa*, especie de casa de campo, onde os soberanos mouros passavam os mezes do verão. É este palacio obra do mesmo gosto da Alhambra. Nos seus deleitosos jardins avulta sobre todos o cypreste da *rainha sultana*, debaixo do qual foi surprehendida a rainha e o abencerrage seu amante, segundo se conta nos antigos romances granadinos. Chateaubriand recorda esta tradição em algumas paginas da linda novellasinha que já citámos.

Foi erigida a Alhambra por Mohammed II no anno 675 da hegira, ou 1273 da nossa era. Deu-lhe o nome de *Medinet-Alhambra* ou cidade vermelha, segundo uns, em consequencia de ser construida com certa casta de barro vermelho; e segundo outros, em obsequio á tribu de Mohammed Alhamar.

Sentimos que o espaço e a indole d'este semanario não nos permittam alongar esta descripção; cremos, porém, que o que fica dito habilitará o leitor a formar uma idéa, se não exacta e completa, ao menos approximada, do admiravel specimen de architectura arabe de que a Hespanha com razão se ufana.

P.

DANTE.

I

Antes de tudo algumas palavras sobre o movimento intellectual e religioso do XIII seculo.

Da sociedade romana á sociedade italiana grande é o intervallo que vae. O catholicismo recuára diante da obra da egualdade, e procurára, por assim dizer, na alliança com os inimigos o meio de lhe perdoarem as primeiras victorias.

A provação renovou-se. D'uma primeira falta podia desculpar-se com a propria constituição da auctoridade romana, com o caracter e costumes d'esta nação que envelhecêra no espirito do paganismo; mas, depois da quéda do imperio, depois da invasão dos barbaros, a egreja era a unica auctoridade moral, o unico poder organisado que havia no mundo. As circunstancias não podiam ser mais favoraveis para imprimir á sociedade nascente os principios de liberdade, de justiça, de egualdade, que estão escriptos em cada pagina do evangelho. Não foi porém assim. A egreja adoptou, e appropriou-se as distincções sociaes, fundadas sobre a propriedade da terra. Bem longe de dominar o movimento das civilisações novas, e impellil-o para as consequencias liberaes dos dogmas religiosos, deixou-se, pelo contrario, dominar pelas instituições latinas, pelos costumes latinos, pela lingua latina. Envolveu-se nos despojos do velho mundo.

Muitas vezes nas lendas da edade-media ha a aventura d'um espirito ruim, que tendo estrangulado um inimigo que lhe resistia, se recolhe no seu corpo, e acaba por tomar-lhe os costumes, as inclinações, o modo de ser. Isto é, em parte, figura do catholicismo, que depois de ter morto a sociedade antiga, encarnou em instituições pagãs, e como nos orgãos do seu adversario.

No XIII seculo, a sociedade era dupla: havia a ordem espiritual e a ordem temporal, o estado e a egreja, o papa e o imperador. O clero propendia, comtudo, a confundir os poderes. O dogma procurava envolver a politica, não para a transformar, mas para se appropriar do governo do mundo.

Dante, ainda que opposto, como veremos, a esta união dos dois principios, não deixava de obedecer involuntariamente á tendencia do seu seculo, quando envolvia seu pensamento, a historia da sua epocha e de toda a humanidade, no mytho da vida futura.

O poeta nem mesmo tirou de si o objecto do seu immortal poema: as preoccupações geraes do seu tempo é que lh'o forneceram. O clero, querendo estabelecer a sua auctoridade sobre base sobrenatural, nada achava melhor para dominar as consciencias que o temor do inferno, e o attractivo das recompensas eternas. Difficilmente se imagina a que ponto este temor chegára n'aquelle seculo! M. Edgard Quinet apresenta-nos o terror como fundamento da religião dos antigos romanos. Este terror sobrevivêra-lhes; passára as leis da egreja, aos seus monumentos, e sobretudo ao coração das populações christãs.

Sem examinar as coisas senão no ponto de vista humano, é-se forçado a reconhecer que n'esta exploração do medo havia um calculo habil e uma politica conforme a certos designios. Só o temor do inferno podia dominar barbaros indomitos, cuja audacia quasi ameaçára o ceo da Germania. A cabeça dos Titães do norte só se curvava á fulminação d'este raio.

Na historia de Florença, patria do poeta, falla-se da representação d'um mysterio dramatico, ao qual Dante não assistiu, mas de que teve conhecimento pelos que o viram representar. O objecto d'esse drama, que era o mesmo da *Divina comedia*, deixára profunda impressão no espirito publico, tanto as imaginações estavam então feridas pela visão da eternidade. O inferno, o purgatorio e o paraiso, marcavam sem duvida a divisão dos tres actos.

Assim, o theatro, a egreja, tudo chamava o homem á consideração dos seus ultimos fins. Saíra-se do terror do anno 1000, em que o genero humano estivera a ponto de enlouquecer, com a apprehensão que lhe causava uma antiga prophecia sobre a destruição do nosso globo. Ainda no XIII seculo esse

terror não estava dissipado e persistia nas consciencias. Aproveitar o panico de que todos estavam possuidos, para cimentar a influencia do sacerdocio; humilhar os poderes temporaes, pondo-os incessantemente em presença do seu nada; confundir todas as grandezas humanas com esta simples ameaça, dirigida ao homem revestido d'auctoridade civil: — «Tu morrerás:» — tal era a politica da egreja n'aquelle seculo.

O clero triumphava com o inferno n'uma mão, e o paraiso na outra.

O que, na *Divina comedia*, não é, para nós, senão invenção d'um poderoso genio, era para aquellas imaginações uma realidade formidavel. Conta-se, que duas mulheres, vendo um dia passar Dante nas ruas de Verona, quando o seu poema do *Inferno* era já conhecido e popular, olharam para elle com attenção misturada de terror, dizendo uma á outra:

— Olhae, vêde este homem que veiu e nos trouxe noticias do inferno!

— Ainda tem a côr e a barba negras do fumo d'esse logar.

E essas mulheres fallavam de boa fé, *da pura credenza*.

O diabo e o inferno eram os dois papões da edade-média. *Vi-o!* dizia um. *Desci até lá!* dizia outro. O temor ia até perturbar as sensações da vista, do ouvido, do olfato. A fórma, a voz, o cheiro do diabo são coisas descriptas, conhecidas, quasi vulgares n'esse tempo. Quem havia que então lhe não tivesse descoberto a ponta do chavelho ou da cauda?

Foi sobre estas allucinações, provocadas pela fantasia; foi sob o manto do diabo, que, cousa notavel! se refugiou n'esses tempos d'ignorancia a opposição religiosa e politica. Todos os sabios, todos os herejes, todos os reformadores, ou simplesmente livres pensadores (a quem Bossuet chamou *libertinos*) commerciaram com o inferno. O seu espirito frequentava os logares tenebrosos. É dos seus colloquios subterraneos, que Dante tira palavras d'anathema contra os transviados poderes da egreja. O poeta crente faz anticipadamente de juiz supremo. Chama o seculo ao seu tribunal; reparte em duas cathegorias os contemporaneos; põe os bons á sua direita, e os máos á sua esquerda; e, confundindo a sua com a justiça divina, recompensa uns, e pune outros. Ai do hypocrita! Ai do oppressor do povo! Ai dos inimigos do poeta! A sua sentença ha de feril-os immortalmente.

Compendiar a historia, ou, para melhor dizer, a critica do seu tempo n'um dogma immutavel, era o meio de engrandecer e fixar o seu juizo sobre as coisas. Que mudança! Não é um gibelino que falla, não é um habitante de florença, não é um italiano do XIII seculo; é um homem que pelas suas crenças pertence a toda a humanidade.

Transportado fóra da sua epocha, Dante cessaria de ser Dante; porque nada de grande e bello, e muito menos que qualquer outra cousa o genio poetico, subsiste fóra das condições rigorosas da harmonia.

O auctor da *Divina comedia* é a personificação d'esses tempos inspirados, em que a poesia se não descartára ainda da fé. Como a egreja procurava ligar a politica á religião, a theologia envolvia então todos os conhecimentos humanos. Assim, na configuração do seu poema, vasta encyclopedia do seu seseculo, o poeta não podia escapar á auctoridade dos mysterios. A sua imaginação livre, como a dos antigos poetas gregos, comprazia-se na methaphysica sagrada. Se tivessemos que definir Dante, por via de analogia, chamar-lhe-hiamos o Orpheu do catholicismo.

É assim que se explica o poeta e a sua obra pela era religiosa em que viveu. Um mesmo povo não se parece d'uma para outra epocha: ha uma feição do espirito, um movimento de idéas, uma physionomia moral, propria a cada edade da historia: é a isso que se chama caracter d'um seculo.

II

Dois successos dominam a vida de Dante; o seu amor por Beatriz, e o seu exilio de Florença.

Tinha nove annos quando encontrou Beatriz, que era pouco mais ou menos da mesma edade.

Ella lhe appareceu brilhante, com côres suaves e nobres, vestida como convinha a uma menina. «Desde então (diz elle) o amor se apoderou de minha alma. Este amor tomou sobre mim tal predominio, pela força que a minha imaginação lhe dava, que me obrigou a obedecer cegamente a todos os seus caprichos. Mandava-me algumas vezes procural-a, e eu vi-a com feições tão graciosas e tão amaveis, que de certo se podiam dizer a seu respeito estas palavras de Homero: Ella não parece filha d'um mortal, mas d'um Deus.»

Depois da felicidade de amar, nada de mais tocante no mundo que a expressão ingenua, delicada, e poetica do amor.

Pouco tempo depois Dante encontrou novamente Beatriz, vestida de branco, *bianco vestita*, e acompanhada de duas jovens maiores que ella. (Como os menores accidentes se gravam n'uma memoria apaixonada!) Passava por uma rua onde Dante parára cheio de temor. Inspirada por uma ineffavel cortezia, Beatriz saudou-o tão graciosamente, que elle creu gozar todas as delicias da bemaventurança. Foi á nona hora do dia. Foi tambem a primeira vez que em seus ouvidos echoou aquella voz encantadora. Refugiou-se, como embriagado, e cedeu depois a um profundo somno, durante o qual teve uma visão. A joven com mão invisivel lhe abria as douradas portas do ideal e do maravilhoso.

Dante cantou successivamente a sua bella em sonetos, em canções, em madrigaes. D'uma passagem da *Vita nuova* deduz-se que o poeta promettêra immortalisal-a em obras de maiores dimensões. Cumpriu-o. A *Divina comedia*, obra prima do espirito humano, póde em rigor passar pela *ex-voto* d'uma paixão amorosa, á qual, vista a edade dos dois amantes, se misturava, não sem encanto, muita criancice: era um amor todo em flor.

Um dia Beatriz reparou na perturbação que causava ao seu amante. As mulheres, por mais jovens e menos praticas que sejam, nunca se enganam n'isto. O amor de Dante, ainda que velado pelo receio e pela timidez, não era difficil de descobrir na perturbação de seus olhos. Beatriz descobriu-o, e escarneceu-o. Foi uma punhalada!

Ferido pelos gracejos da sua amada, recolheu-se para se entregar á dor. «No fim d'algum tempo (diz elle) adormeci sobre minhas lagrimas, como uma criança que acabam de castigar.»

Os poetas são geralmente infelizes nos amores. Desdenhados, repellidos, escarnecidos, enganados, consomem toda a vida em sentimentos melancolicos, a respeito de objectos sem alma. A Providencia tem sem duvida razões para lhes impor tal martyrio. As notas da poesia desafinariam n'uma felicidade perfeita. É preciso para as conservar sempre vigorosas n'estes harmoniosos filhos da terra, que a belleza real passe diante de seus olhos como sombra, ironica, fugitiva, de modo que não encubra a belleza superior e ideal que os attrahe ao infinito.

Beatriz chegou um dia a desprezar o comprimento de Dante. Decididamente o poeta estava despedido do seu coração. Dizem que ella o considerava joven de mais, e quasi um irmão, para o poder amar.

Algum tempo depois foi dada em casamento ao filho d'um amigo de seu pae. Teria esquecido o poeta, que depois se lembrou d'ella tão magnificamente? Arrepender-se-hia mais tarde do seu casamento? Conservaria no fundo do coração algum remorso, tardio em apparecer, mas que acabou por devorar-lhe a existencia? Ninguem o sabe. O que é certo é que, pouco tempo depois, morreu.

Dante devia ter vinte e dois annos quando Beatriz casou. A perturbação e o desespêro, que um tal acontecimento lançaria em seu coração, adivinha-se, mesmo sem ler a *Vita nuova,* simples historia em que o poeta contou seus infortunios. O estado do infeliz era perigoso: mettia dó a sua tristeza e consumpção. Os amigos aconselharam-lhe que desposasse outra mulher.

III.

É fóra de duvida que Dante foi attrahido á poesia por um amor infeliz. Sendo-lhe Beatriz roubada sobre a terra, quiz seguil-a até ao ceo com as azas da imaginação e da fé.

Assim vemos apparecer no lumiar da edade-média o amor — sentimento desconhecido do mundo antigo, ao menos sobre estas fórmas; sentimento que, ligado ao religioso, de que irradia, esclarece com doce e suave luz a vida intima; inspira novos destinos á humanidade; e penetra com sua influencia toda a historia dos tempos modernos.

Por uma tocante lembrança do coração, Dante poz o nome de Beatriz a uma filha que teve do seu casamento com Gemma. Ainda lhe consagrou outro penhor de fidelidade. D'essa Beatriz, que, quando viva, o repellíra com escarneo, como a uma criança; d'essa, que pela leviandade, ou cega submissão ás circunstancias, lhe lançára no coração todos os tormentos do inferno, quiz o poeta vingar-se levando-a ao paraiso em suas divinas rimas.

Assim é que o amor foi a primeira influencia para a formação d'aquelle genio. Uma mulher, cuja lembrança o segue d'um a outro mundo, que lhe atravessa o coração com um raio de melancolica claridade, cuja bella e triste figura ainda a embellezam mais a separação e a ausencia; uma mulher que se purifica na morte das ultimas manchas da humanidade; que veste nas crenças do tempo a aureola da gloria immarcessivel; tal é o anjo tutelar que inspira o poeta, e, testimunha invisivel, preside aos sentimentos de toda a sua vida.

Dante sagrára o coração a dois objectos: uma amante, e uma cidade. A mulher morreu; a cidade repelliu-o.

(Continúa).

A NOITE DO NATAL.

I

O DESCONHECIDO.

«Fria e escura vem descendo a noite: as nuvens amontoam-se sobre as collinas; occulta n'um manto de nevoa a lua despede seu pallido luar...... Eu lobrigo um phantasma na planicie....... Ouve-se um cão ladrar n'uma cabana distante.»

OSSIAN — *Scena de uma noite de outubro.*

Corria a noite de vinte e quatro de dezembro, e dez boras acabavam de soar na freguezia de uma aldeia da provincia do Minho.

Era uma d'estas noites como as produz dezembro nas provincias do norte de Portugal; serena, mas fria de regelar: a geada caía a flocos em abundancia.

D'além das cumiadas da serrania, sobranceira á aldeia, lá começa de apparecer uma claridade alvacenta, como véo diaphano que se dilata, e que pouco a pouco envolve o baço fulgor das estrellas.

É a lua que vae nascer.

A pallida e melancolica rainha da noite ergue a custo a fronte, annuviada pelos gelados vapores que o inverno depositára nos cumes da serra. É como um espirito aerio de Ossian, percorrendo em niveas vestes as montanhas de Morven.

Quanto é sublime o nascer da lua, quando a noite já vae adiantada! É n'essa hora de tranquillidade profunda e meditação solemne, que a alma, animada por essa centelha que ao mundo desferiu a Divindade — a poesia, sólta vôos temerarios, sendo-lhe estreita a immensidade do espaço para dar largas aos pensamentos que inspira o astro melancolico da noite.

Sereno e modesto planeta, quanto sympathiso comtigo! És o meu enlevo nas bellas noites estivas, em que brilhas em o nosso tão poetico hemispherio, desferindo um olhar cheio de mysterios. Sem o querer, a teu aspecto acho-me embevecido, sem de ti desfitar. Olhando-te, minha alma parece desprender-se das suas ligações terrenas e voar pelo espaço, engolphando-se na deslumbrante cópia de maravilhas, que o silencio imperturbavel da noite nos patenteia, e que tu, como um facho inextinguivel que luza entre o homem e Deus, alumias e esclareces! Tu es como um fanal mysterioso, que, nas horas em que tudo jaz adormecido, fazes resplandecer as paginas do livro da sabedoria eterna — a natureza!.......

O nordeste começára de soprar rijo, varrendo com as suas azas da amplidão do espaço os tenues nevoeiros que a noite accumulára; e açoutando em rajadas a encosta da montanha, envergava os pinheiraes, que, erguidos na lombada das collinas, se projectavam no horisonte como phantasmas negros que, ao som do vento, que, gemebundo, percorria pelos valles, dançassem danças grutescas e barbaras.

A noite foi alimpando, pondo-se bella e clara com a saída da lua, que, já desassombrada de vapores no seio da atmosphera, pura e serena, fulgurava como broche de oiro no meio de um vasto manto de setim. Á sua claridade os objectos confusos e indistinctos, pelas sombras da noite, haviam-se estremado e tornado perceptiveis. No pendor da serra, quasi a dependurar-se por entre os ramaes verdenegros dos arvoredos frondosos, começára de surgir, alvejando ao luar, a aldeia, cujo campanario, ainda havia pouco, fizera soar dez horas.

Entre nós, gente da corte, dez horas é apenas o comêço da noite: é a hora de dar entrada n'um baile; é a hora em que um peralta vae para o theatro; é a hora em que se faz a abertura de um sarão, segundo as prescripções do codigo do bom tom; é, em fim, a hora destinada, nos ritos da tafularia, para se começar tudo que respeita ao mundo elegante, depois que o sol deixa de nos alumiar. Mas, no campo, dez horas é uma hora adiantada: é a hora em que um honrado e positivo lavrador tem já dormido o seu somno, e muito bem estirado; porque os habitantes do campo, como laponios e pouco illustrados que são — coitados! — preferem a luz de um bello sol, que os alumie e lhes dê vigor e inergia, á luz artificial da alguns resplandentes lustres de gaz; e por isso se deitam ao anoitecer, e erguem-se com a aurora, gozando do inexplicavel espectaculo do acordar da natureza. São gostos. Pois fique cada qual com o seu, que eu, apesar das pinturas dos poetas e das descripções lisongeiras da gente da provincia, nunca morri de amores por madrugar. Prefiro antes, que o sol me veja erguer a mim, do que eu o veja erguer a elle. Ha n'isto talvez até descortezia para com o rei dos astros; mas que querem? Uma madrugada, acompanhada do seu cortejo de gelos e calafrios, foi

sempre para mim mais assumpto de muito bocejo e espreguiçamento, do que de encantadoras e attractivas seducções. O máo gosto está de certo da minha parte; mas antes assim. Supporte-se ainda mesmo a reputação de semsaborão, com tanto que não se troque uma cama, fôfa e quente, por uma madrugada fria e aspera.

No campo, como iamos dizendo, dez horas, que são horas de tudo jazer já adormecido, n'esta noite, porém, parecia ter excepção, a attentar bem na nossa aldeia, por cujas fisgas das portas e janellas de algumas habitações bruxoleavam luzes, como pyrilampos fulgurando n'um brejo, ouvindo-se, interrompido e intermittente de vez em quando, o ruido confuso de um vozear alegre, como cantares, ao parecer, de gente que folgava.

E folgava, sim; porque esta era uma das noites de excepção por excellencia para aquellas boas gentes: esta era a noite de 24 de dezembro; era vespera do dia de Natal, em que tudo na provincia folga, risonha, tange, canta, come e bebe, já se sabe, devotamente, depois de ter ido ouvir a missa-do-gallo. Esta era a razão da novidade que occorria na aldeia, cujos habitantes já entre anciosos e folgasões suspiravam pela duodecima badalada do sino da freguezia, para envergarem capotes e gibões, e pôrem-se a caminho para a egreja.

De repente o susurro de vozes, que era trazido ou levado pelas esfusiadas do vento que assoviava pelos estevaes, dobrando as piteiras dos vallados, foi cortado pelos latidos agudos de um cão, o qual parecia estar dentro de uma casa de melhor apparencia, que ficava afastada da aldeia, para a baixa da serra.

Os latidos do cão vinham com effeito do interior d'esta casa; e o motivo parecia a approximação de um vulto negro, como de homem embuçado, que saíra de traz de um grupo de choupos, e se acercara



Antonio com os olhos pregados no chão, encostado ao varapáo, e verrumando a terra com elle, parecia entregue a um pensar penoso..... Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

da porta da casa, como pondo-se á escuta. O ladrar do cão ao principio não attrahiu o reparo da gente que lá dentro andava accesa em folguedos; mas tanto que este avançou á porta, raspando n'ella, como que transvendo o vulto que estava de fóra, uma voz de homem bradou de dentro:

— Ó Francisco, vê por que ladra aquelle cão.

Ao soar da voz, o embuçado desaferrou da porta, e correu a esconder-se com os choupos.

A porta abriu-se; e um homem, tendo mão n'um formidavel rafeiro, que, sacudindo a cauda, tudo era querer partir para o lado onde o faro lhe denunciava o estranho, appareceu, deitando a cabeça de fóra.

— Ora o que ha de ser! diz o moço; não é nada: é o *diamante*, que sentiu bulir a porta com o vento, e por isso ladrou.

— Qual carapuça! exclamou o outro homem de dentro. Se elle ladra, é porque anda por ahi gente. O *diamante* não se engana assim. Anda gente, e gente a quem elle tem gana: essa tambem eu te juro.

— Eu cá não enxergo viv'alma, tio Jeronymo, replicou Francisco: ouço o vento que assovia nos vallados, e mais nada. Pois olhe que a noite está clara como de dia.

— É verdade: que bella noite! exclamou uma voz feminina, sonora e meiga. Parece uma noite de estio; ora que nem de proposito se poz assim.

A esta falla, o cão soltou-se das mãos do moço, e voltou-se para a recemchegada, que era uma camponeza, joven e gentil, segundo da parte de fóra se podia ver, e se poz a lambel-a e a afagal-a.

— Accommoda-te, *diamante:* tens andado hoje tão inquieto! Terá fome, talvez. Vae dar-lhe de comer, Francisco, anda; disse ella desenvencilhando-se do cão, e indo para dentro.

N'este comenos, os choupos tremeram, e *diamante*, pilhando Franciaco desapercebido, avançou ladrando com a furia de um leão. N'isto as arvores boliram mais, e uma pancada surda, como de arma que erra fogo, fez-se ouvir.

— Que é lá isso?... Foge, *diamante*, que te matam! grita o moço, correndo a desviar o cão.

A esta exclamação do criado, toda a gente da casa chegou á porta, alvoroçada.

— Quem é que me quer matar o cão? bradou um homem que vinha á frente, adiantando-se, e brandindo um varapáo com uma choupa n'uma das pontas. A resposta foi o lampejo de escorva que ardeu, sem disparar a arma, entre os choupos.

— Tira-te, Antonio, que foi espingarda que dispararam d'alli; grita a camponeza, que já tinha apparecido, empecendo ao homem do varapáo de proseguir na direcção das arvores; mas este, desembaraçando-se d'ella, replicou-lhe com brandura:

— Não tenhas medo, Emilia. Sempre quero ver quem é o gatuno, que assim me quer matar o cão: hei de lhe arrancar as barbas, uma por uma!

O homem que assim fallava era um rapaz de vinte e oito annos para trinta; alto, robusto e bem posto. Ainda que não fosse bello, seu todo era sympathico, e tinha umas maneiras em que se revelava a franqueza aldeã, espontanea e incuidosa, mas acompanhada da resolução do homem decidido.

Com elle haviam saido mais alguns rapazes camponezes, uns poucos de laponios, que eram os moços do casal, e um homem já de edade avançada.

— Que fazes? gritou este, dirigindo-se a Antonio. Não te arrisques assim. Sabe-se lá o que será!

— Ora o que ha de ser? retrucou o mancebo aldeão. Algum ratoneiro, que está á espreita que vamos para a freguezia, para nos entrar em casa.

— Dizes bem, nem é outra coisa, accrescenta o velho, dando alguns passos para o meio da viella.

— Sim, mas deixem-se estar, insistiu Emilia, segurando pelo braço Antonio.

— Qual! hei de lhe ver a cara, ateimou este, adiantando-se para os choupos e mais alguns aldeões. Mas ainda não tinha chegado proximo, quando uma sombra se escoou por detraz das arvores, e se viu distinctamente o vulto de um homem de capote escuro saltar o vallado com a ligeireza de um gamo, e desapparecer subito.

— A elle, *diamante!* vae-te a elle! brada Antonio, arremessando o cajado ao vulto que fugia, e correndo após elle com a impetuosidade de um tigre.

O cão, enraivado á voz do dono, correu com a velocidade do raio, galgando o vallado de um pulo. Quasi todos os homens avançaram para o lado por onde fôra Antonio, e em breve desappareceram tambem.

— Vam-me buscar a minha caçadeira! bradou o velho para os moços, que estavam espavoridos e estupefactos, em quanto que as mulheres rompiam em alaridos. Vocês não ouvem, gente do diabo? Vão-me buscar a minha espingarda, ou não? tornou o velho agastado.

— Aonde queres tu ir, Jeronimo? tu enlouqueceste?... tu perdeste a cabeça?... grita uma velha, de voz rouquenha e gritadeira, excessivamente gorda, mas desembaraçada e resoluta, saindo da mesma casa, e travando do braço ao tio Jeronimo, a quem o risco da aventura estimulava ainda os brios de rapaz.

O empuxão da velha, forte como a abalroação de uma charrua dinamarqueza, deteve nos seus impetos o tio Jeronimo.

— Aonde quero eu ir? replica elle; quero saber quem é o patife que, escondido com aquellas moutas, teve a fraqueza de desfechar á queima roupa com o bom do nosso Antonio.

— Olhe, minha mãe, indo o pae armado, não tem duvida... ia dizendo Emilia, quando a velha, arregalando os olhos, com as faces accesas em ira e as palavras atropellando-se pela colera, lhe bradou n'um tom atroador:

— Que dizes tu, tola?... Tens medo que te bulam no machacaz, e por isso queres metter tambem o pae na alhada? Vae tu. Tu não me fazes falta; elle sim. Que me dizem á rapariga! Quer que lhe guardem o bonifrate! Que se defenda elle. Já tem idade para isso. E que me importa a mim o cão do Antonio?... É o que faltam são cães. E, demais, o cão não é nosso.

— Mas é como se o fôra, porque é de Antonio, e é muito seu estimado: respondeu Emilia com interesse.

— E que tenho eu que elle o estime, ou não? continúa a velha, cada vez mais incendiada, e dispondo-se a arremetter para Emilia.

— O caso é outro, atalhou Jeronimo, mettendo-se de permeio. Agora não se trata de cães, nem meios cães; o caso é mais serio. Trata-se de saber quem foi o melro que estava posto á capa detraz dos choupos, e que depois se esgueirou lá para a quebrada da serra. Não era para matar um cão, que elle alli estava. Este é que é o caso.

— É verdade; este é que é o caso, acudiu Emilia, fazendo côro com o pae.

— Será esse o caso, senhora espevitada; mas se o cão não estivesse a farejar e a arranhar na porta, já não era nada d'isto; retorquiu a velha, que era uma especie de deputado de opposição systematica.

— Elles lá vem! Elles lá vem! disseram os moços que tinham ficado.

Effectivamente assim era.

Antonio chegou; o os mais camponezes e criados que o haviam seguido, todos cançados e esbaforidos.

— Então que era? foi a pergunta que saiu da bocca de todos.

— O que era?... era um homem, respondeu Antonio com ar taciturno; mas agora quem!... ahi é que está o busilis. Vão lá perguntar-lh'o.

— Vão lá perguntar-lh'o!!... Ora essa! Pois não viram, indo-lhe quasi na piugada?!... exclamou Catharina pasmada.

— Qual! tornou Antonio com um sorriso sardonico. Parece que ia montado no diabo! Pois *diamante* galga terreno, mas não foi para o seu dente podel-o apanhar.

— E que direcção tomou? pergunta o tio Jeronimo, tomado de pasmo.

— Atravessou as terras do moinho: galgou a lombada da serra, e depois metteu-se na vinha do André da Charneca. D'ahi por diante ninguem mais lhe poz a vista em cima.

Isto respondeu um camponez, porque Antonio estava entregue a cogitações profundas, como alheio do que se passava.

— Está bom; como não aconteceu desgraça, Deus louvado, ainda o caso foi bem. Ora andem, agora vamos para dentro, diz Catharina. Parece que querem ficar aqui... Não pensem mais n'isso. Isso era algum larapio, ou, agora me lembra, talvez fosse o abejão em que nos fallou a Josepha da Horta; porque, bem pensado, estarem-lhe aqui quasi com as mãos em cima, e ninguem lhe poder ser bom, ahi anda obra do demo. Eu te arrenego, Sanianaz! exclamou a velha fazendo o signal da cruz. Então isto já é de mais: vamos para dentro, ou não?... Parece que ficaram todos apegados ao chão.

E assim era. A estranheza da aventura tinha infundido o espanto em todos.

Antonio, com os olhos pregados no chão, encostado ao varapáo, e verrumando a terra com elle, parecia entregue a um pensar penoso; ou, para melhor dizer, lidava para combinar factos que a memoria lhe esquivava.

Um presentimento indecifravel lhe escurecia as idéas, povoando-lhe de imagens tristes todo o seu imaginar. O apparecimento do estranho acordava-lhe pensamentos confusos, mas através dos quaes lhe parecia ver despontar lembranças, que bem amargamente lhe haviam dilacerado a alma n'outra epocha,

Emilia chegára-se para elle, e mostrava que as mesmas sensações a attenuavam; estava triste e pensativa como elle.

O tio Jeronimo tambem scismava, mas o seu scismar era outro. Reflexões nascidas das circunstancias singulares do acontecimento, e influidas pela superstição, feição proeminente do caracter camponez, lhe faziam encarar o occorrido pelo lado maravilhoso. Um lobishomem não se atrevia a affirmar que fosse o desconhecido, porque a configuração era humana, e não assentava as quatro patas no chão; mas coisa boa não a reputava elle de certo.

Assim estavam todos, quando um sonoro repique de sinos, travando os ares e repercutindo-se em todos os montes e valles visinhos, acordou os echos da serrania, e arrancou os aldeões d'esta especie de lethargo.

—Ai! que já toca á missa, e nós aqui! exclamou Catharina, saltando como tocada da pilha voltaica.

—É verdade, dizem todos em chusma.

—Toca para a missa, rapaziada, bradou Jeronimo. Deixemos máos pensamentos. Não nos lembremos mais d'isto. O que for soará. Anda, Antonio: pareces uma estatua.

—Eu cá não vou á missa, resmungou Antonio.

—Que?!... Tu não vaes á missa?... Ora essa tinha que ver. Já para a freguezia, meu pachola: brada Catharina dando-lhe uma palmada nas costas, capaz de fazer aluir uma torre. Ora era o que faltava, se tu não ias á missa-do-gallo! Vae-te d'ahi, tolo, que estás a parafusar? Pareces-me um piegas. Já a ninguem lembra tal coisa, e ainda tu estás com os olhos cravados no chão, que pareces um estafermo. Anda, vamos d'ahi.

—Anda, Antonio, disse Emilia em tom meigo. Então não queres ir comnosco á missa-do-gallo?

—Pois vamos lá, respondeu em fim elle, que a esta voz pareceu desagarrar-se do seu ruminar.

—Toca a aprомptar tudo, rapazes, para irmos para a missa, grita o tio Jeronimo; o que foi respondido pela phrase geral:

—Vamos para a missa.

Toda a familia entrou para dentro da casa, e depois de alguns momentos saíram todos, mas já amantilhados e encapotados, e tomaram o caminho da freguezia.

—Fecha bem a porta, disse Catharina a um dos moços que dava volta á chave, visto que temos quem nos ronde a casa.

O rancho alongou-se.

As vozes, em praticas folgazãs, por entre as quaes surdiam as gargalhadas esganiçadas e estridentes das raparigas, foram resoando ao longe por algum tempo, deixando de se distinguir, e formando por ultimo um alarido confuso, que se perdia ou multiplicava á proporção das anfractuosidades da encosta que iam correndo.

Em breve não se ouviu já senão o som surdo e compassado dos tamancos dos moços nas calçadas das quelhas da aldeia: este mesmo ruido extinguiu-se pouco a pouco; mas foi substituido por outro, similhante á restolhada que fazem as folhas sêccas pisadas.

Eram passos de alguem que se approximava cauteloso.

O vulto negro do embuçado appareceu de novo; mas d'esta vez vinha da trazeira da casa; e cosendo-se com a parede d'ella, tomou tambem o caminho da freguezia, porém sempre esquivando-se, retrahindo-se ou cosendo-se com a sombra, até que desappareceu de todo.

(*Continúa*)

ANDRADE FERREIRA.

DAITIAS.

Na opinião dos antigos philosophos, o ceo não era outra coisa senão o hemispherio da luz opposto ao hemispherio das trevas. Mas, do mesmo modo que uma semente contém em germen uma floresta, assim no fundo de uma idéa, um mundo inteiro se prepara e gravita. De um facto puramente physico chegou-se ás mais altas e engenhosas abstracções methaphysicas. A luz foi assimilada ao bem moral e material; as trevas ao mal e ao vicio. Povoou-se o hemispherio superior, ou da luz, de genios bons, e o hemispherio inferior, ou das trevas, de seres malignos e funestos. Tal foi a ordem que o espirito humano seguiu para chegar ao dualismo philosophico e religioso, cujas extremas conclusões são o ceo e o inferno, como systema de recompensas e penas futuras, eternas para os povos que não acceitavam a crença da metempsycose, temporarias para os que acreditavam na transmigração das almas. Construido o edificio, restava ornal-o e embellezal-o, e a imaginação dos povos, transfigurando nas suas phantasticas concepções algumas observações physicas e astronomicas, cobriu de deslumbrantes maravilhas as alturas incommensuraveis dos ceos.

O homem, vendo á roda de si tantos bens e tantos males, tantas causas de prazer e de dor, que não lhe era possivel prevenir, nem prever, nem comprehender, e dizendo-lhe a sua razão que Deus não podia ser senão a summa bondade, attribuiu esse antagonismo a dois principios oppostos, cuja origem e acção passâmos a explicar.

Ormouzd, ou o principio do bem, foi a mais bella creação do supremo deus Zervane-Akérène, ou Tempo-sem-limites, que oppoz a Ahriman, principio do mal. Depois de haver dado a existencia a estes dois grandes antagonistas, Zervane-Akérène ordenou-lhes que creassem diversos mundos, e concedeu-lhes doze millenios para a lucta. Ormouzd creou o mundo da luz; a Albordi, ou Bordi, a montanha das montanhas, que estende sobre a terra toda as suas gigantescas raizes; o Gorotman, o reino luminoso de Ormouzd, recinto afortunado dos fieis adoradores de Zervane-Akérène e do fogo; a ponte Tchnevad, pela qual a Albordi communica com o Gorotman; as tres espheras celestes terra, sol, e lua; os outros cinco planetas, e todo o exercito dos ceos dividido em doze batalhões, de vinte e oito companhias cada um, e comprehendendo 6,480,000 combatentes. Pela sua parte, Ahriman produziu o mundo das trevas e uma serie de entes disformes, horrendos e malignos, do mesmo numero e força do exercito de Ormouzd.

Ao quarto millenio, Ahriman pretende começar o combate, mas recúa offuscado pela gloria de Ormouzd. N'este intervallo cria o genio do bem os sete Amschaspands, seus immediatos no poder e na gloria, e allusivos aos sete planetas e aos sete dias da semana; os vinte e oito Izeds, genios encarregados de presidir aos grandes phenomenos do mundo, aos mezes, aos dias, etc.; o divino touro, Aboudad, que encerra os germens de todos os animaes e plantas; e, finalmente, Kaïomorts, o homem primitivo e androgyno, formado da espadoa direita de Aboudad, e com o qual termina a creação. No começo do septimo millenio, Ahriman, á testa das suas medonhas e terriveis legiões, tenta de novo o combate. D'esta vez consegue invadir o mundo d'Ormouzd, e chega mesmo a entrar no palacio do seu inimigo, mas é por fim rechaçado. Enraivecido, desce á terra debaixo da figura de uma serpente, vicia com um halito venenoso tudo quanto n'elle encontra, e mata Aboudad e Kaïomorts. Amschaspand-Sapandomad, porém, cuja missão é fecundar a terra, recolhe um terço da mais pura substancia de Kaïomorts; Ized-Nério-

cengh, genio do fogo que anima os reis, conserva o resto, e, no fim de quarenta annos, o solo, impregnado dos sulcos fecundos da victima de Ahriman, produz uma bella arvore, offerecendo as imagens de um homem e de uma mulher, que, depois de haver levado dez annos a crescer, dá, em logar de fructos, dez pares humanos, dos quaes o principal é Méchia e Méchiana, que Ahriman seduz immediatamente. Noventa dias e outras tantas noites se passam em batalhas sanguinolentas, sem que a Victoria se decida, e Ahriman volta para o abysmo. No decimo millenio recomeçam as luctas; Ormouzd fica vencido; os homens morrem; as almas vagam errantes e gemebundas no recinto de Ahriman; os Dews, genios oppostos aos Amschaspands, postam-se á entrada da ponte Tchinevad, para obstar a que as almas se passem ao Gorotman; e assim correm os tres ultimos millenios. Ormouzd, porém, fica velando sobre os homens, que não creou para os perder. Os culpados podem salvar-se pelo arrependimento, e d'anno em anno, o genio do bem abre, durante cinco dias, as portas do inferno para libertar dos tormentos as almas que merecem tão alto favor. Um dia virá, em que as portas do terrivel recinto se façam pedaços para nunca mais servirem. Este dia é aquelle em que Ahriman será definitivamente vencido por Ormouzd. Então o astro ou o cometa Gaurzcher, logrando a vigilancia da lua, incendiará a terra e a reduzirá a cinzas. As montanhas fundir-se-hão; as almas, sobre as quaes passarem as torrentes de fogo, serão purificadas pela dor; as mais obstinadas, mesmo, e os proprios Dews, se tornarão puros, sob a influencia da chamma devoradora. Um novo ceo e uma nova terra surgirão d'entre as cinzas d'este grande e ultimo cataclismo; as sombras e as trevas desapparecerão, e com ellas o mal; e Ahriman, absorvendo-se com Ormouzd em Zervane-Akéréne, será o proprio a celebrar os canticos da luz e do Zend.

Eis-aqui como os primitivos povos explicavam as causas e as alternativas do bem e do mal, e estabeleceram a celebre doutrina do dualismo.

Careciamos de volumes só para descrever todos os genios máos de que a mythologia índica povoou as regiões tenebrosas, e pena é que as curtas dimensões d'este semanario nos não permittam alargar mais sobre ponto tão curioso quanto interessante, pela riqueza das suas imaginosas ficções, influencia que exerceu sobre todas as religiões, etc.

A nossa pequena estampa representa uma das multiplicadas cathegorias dos genios malignos da India, os Daitias. Estes genios eram filhos da noite, e andavam colligados com os Açouras, isto é, privados de Soura ou Amrita, a bebida da immortalidade, licor delicioso em que se transformou o mar Lait, promovendo continuas guerras entre os genios bons. Representam-se, ora como se vê na estampa, com cabeça de gente ou de animal, ora como os dos gregos, tendo muitas cabeças e mãos, e com as pernas em fórma de serpente. Habitavam os sete Palatas, mundo subterraneo collocado no espaço que fica por baixo da terra, e esclarecido por oito carbunculos collocados sobre as cabeças de oito serpentes.

N. S.



Daitias.

SEPULTURA ANGLO-SAXONIA.

Fazendo ha pouco umas investigações archeologicas em certo cemiterio anglo-saxonio em Brightampton, perto de Witney, o secretario da sociedade dos antiquarios de Londres, Oxon Akerman, descobriu um methodo de dar sepultura aos cadaveres, novo, e por ventura unico. N'uma cova de dois pés de profundidade jazia o esqueleto d'um homem de seis pés e seis pollegadas d'altura, que tinha um ferro de lança junto á orelha esquerda, um punhal sobre os joelhos, e ainda empunhava a alça de um escudo com a mão esquerda.

O esqueleto tinha a cabeça voltada para o oriente, posição exactamente contraria á que occupam nos tumulos os corpos dos anglo-saxões.

Por cima do esqueleto, e em contacto immediato com elle, se achavam os restos de uma mulher, cuja cabeça descançava nas pernas do primeiro, e na cabeça d'este os pés d'ella, por baixo de cujo craneo se via um grosso alfinete de bronze, sobre o peito um adorno do mesmo metal, e nos joelhos, onde repousavam as mãos, nove contas de ambar de extraordinario tamanho, que provavelmente foram braceletes.

L.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.